

# Quem são os Tiriyo e os Kaxuyana?

Tiriyo e Kaxuyana são os nomes pelos quais a população indígena que hoje vive na faixa oeste do Parque Indígena Tumucumaque, e na bacia do alto rio Trombetas, no Pará, tornou-se mais conhecida ao longo do último século. Em suas próprias línguas, ambas de origem Caribe, os Tiriyo autodenominam-se: Tarëno, e os Kaxuyana: Purehno. Até 1960, os Tiriyo e Kaxuyana viviam em mais de 50 aldeias dispersas por uma ampla faixa de território, ao norte do Pará, intermediária entre os rios Trombetas, Paru de Oeste e Paru de Leste, estendendo-se ao sul do Suriname, entre os rios Sipaliweni Tapanahoni e Paloemeu.

No início dos anos 60 esta população indígena foi contatada em ambos os lados da fronteira por missionários e viveu por três décadas, basicamente centralizada em torno de três aldeias base: Missão Tiriyo, no Brasil; Tëpu e Kuamara, no Suriname. A partir de 1980, e até os dias atuais, o antigo padrão de moradia em aldeias pequenas e de alta mobilidade populacional na região vem sendo retomado. Atualmente os Tiriyo e Kaxuyana encontram-se novamente dispersos por mais de 50 aldeias situadas dentro e fora do Parque Indígena de Tumucumaque. No Brasil, sua população gira em torno de 2000 pessoas.

## O Programa de Valorização Cultural

Desde 2006, está em curso um programa de valorização cultural com as mulheres tiriyo e kaxuyana, que visa incentivar a melhoria das condições de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos envolvidos na sua arte de tecer com sementes e miçangas. Ao todo, cerca de 200 mulheres, de 12 a 80 anos, de mais de 20 aldeias situadas ao longo dos rios Paru de Oeste e Marapi, na faixa oeste da TI Parque do Tumucumaque (PA), participaram de oficinas, promovidas pelo Iepé, durante as quais foram compartilhados conhecimentos e repertórios que principalmente as mais idosas possuem sobre as origens e técnicas de sua tecelagem em algodão, sementes e miçangas.

Um acervo de histórias, desenhos e fotos foi produzido nestas oficinas, permitindo a elaboração de materiais para socialização interna de saberes e técnicas envolvidas nessa arte, bem como sua divulgação para o público externo. Também foi constituída uma coleção etnográfica de peças em miçanga e maramara, que integra hoje o acervo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro.



Presidente da República  
Luís Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Justiça  
Luiz Paulo Barreto

Presidente da Fundação Nacional do Índio  
Márcio Augusto Freitas de Meira

Diretor do Museu do Índio  
José Carlos Levinho

Coordenadora de Administração  
Rosilene de Andrade Silva

Coordenadora de Projetos Científico-Culturais  
Sônia Coqueiro

Coordenador de Divulgação Científica  
Carlos Augusto da Rocha Freire

Coordenadora de Patrimônio Cultural  
Ione Helena Pereira Couto

Chefe de Serviço de Conservação do Acervo Cultural  
Maria José Novelino Sardella

Serviço de Comunicação e Eventos  
Rosângela Abrahão

EXPOSIÇÃO  
TECENDO A ARTE TECENDO A VIDA

Curadoria  
Denise Fajardo Grupioni  
Luís Donisete Benzi Grupioni

Expografia e Design  
Simone Melo

Design Gráfico  
Sílvia Fittipaldi

Projeto de luz  
Rogério Wiltgen

Produção e montagem  
Equipe do Museu do Índio - RJ

Produção técnica  
Luís Antonio Garrido da Silva

Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas / Documenta Tiriyo / Documenta Kaxuyana

Museu do Índio / Funai / Ministério da Justiça

Programa de Valorização Cultural no Tumucumaque

REALIZAÇÃO  
Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

APOIO  
Apitikatxi – Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Kaxuyana e Txikuyana  
Coordenação Regional da Funai em Macapá  
Departamento do Patrimônio Imaterial - Iphan / MInC  
Embaixada da Noruega no Brasil  
Museu do Índio – Funai  
Rainforest Foundation da Noruega



Itinerância da exposição  
Macapá - 2011

Macapá – Shopping Macapá

Oiapoque – Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque

Contato com a Apitikatxi  
Para conhecer mais o trabalho das mulheres, bem como adquirir peças elaboradas com sementes e miçangas contate a Apitikatxi – Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Kaxuyana e Txikuyana

Av. Raimundo Álvares da Costa, 412  
Bairro Centro – 68900-074 – Macapá – AP  
Tel. (96) 3217-2024

APOIO À ITINERÂNCIA



PARCEIROS INSTITUCIONAIS / IEPÉ



PARCERIAS INSTITUCIONAIS / MUSEU DO ÍNDIO



REALIZAÇÃO



MAGIC.ART.BR 110324

TECENDO A  
ARTE  
TECENDO A  
VIDA

## Mulheres Tiriyo e Kaxuyana

Itinerância da Exposição no Amapá



## Vestir, moldar, enfeitar

A tecelagem com miçangas e sementes de maramara, é uma atividade constante no dia-a-dia das mulheres tiriyó e kaxuyana. Com extrema habilidade, elas confeccionam uma variedade de peças e acessórios para uso próprio e de seus familiares. Para seus maridos, confeccionam cinturões de miçanga (pënti) e para si próprias, tecem saias frontais de miçanga (keweyu) que usam para dançar em festas e em ocasiões especiais. Para seus filhos, fazem cordões e braceletes de miçanga que, amarrados às pernas, cintura e braços das crianças, enfeitam e moldam seus corpos, conforme seu gosto estético.

## As artesãs: sua vida e sua arte

Em seu cotidiano, as mulheres tiriyó e kaxuyana são atuantes, seguras e autônomas. Ao lado de seus maridos, conduzem assuntos políticos e familiares em igualdade de condições, além de educarem seus filhos e netos e serem possuidoras de uma energia social riquíssima para o trabalho doméstico e artesanal, num fazer diário, em suas casas, sozinhas e compenetradas; ou coletivamente nos pátios de suas aldeias, em meio a animadas conversas. Das mulheres mais velhas às mais novas, a tecelagem com algodão, sementes e miçangas é uma arte que se refaz constantemente, garantindo assim a continuidade dessa prática ao longo de gerações.



## Os fios, as contas e as gotas

Para as mulheres tiriyó e kaxuyana é como se a vida fosse feita de fios: fios de algodão (maru) com que tecem suas peças; e fios vitais, como o sangue (munu), com que tecem suas vidas. Nesta simbólica em que tecer é dar vida, contas de miçanga (samura) assim como gotas de sêmen (kuru), preenchem os fios que, entrelaçados, originam coisas e pessoas pelas suas próprias mãos.

Assim, fios (de algodão e de sangue) não se espalham em vão. Isso seria o caos. Por isso a arte da tecelagem imita a arte da socialidade e vice-versa, já que um tear é como uma aldeia: em ambos se tecem relações, seja entre coisas, seja entre pessoas: o algodão e a miçanga; a mulher e o homem; o sangue e o sêmen.

O algodão deve prender-se aos limites do tear, assim como a mulher e o seu sangue não devem se espalhar para fora da aldeia. A miçanga, o homem e o sêmen vêm de fora. O algodão traz a miçanga para dentro do tear, assim como uma mulher, quando casa traz o homem para dentro de sua casa ou aldeia.



## As fontes do saber: o belo vem do outro

Um inventário dos saberes envolvidos na arte da tecelagem com sementes e miçangas das mulheres tiriyó e kaxuyana revelaria antes o quanto de fora sempre foi e ainda hoje continua sendo incorporado, do que propriamente o a quanto seus saberes são 'autênticos' e sua arte 'original'. É assim que a cultura dos Tarêno, que é a dos Tiriyó, foi sendo construída ao longo de muitas gerações, e está sendo repassada até hoje: incorporando do outro tudo aquilo que lhes pareça atrativo ou útil. Tal como a miçanga e o pano vermelho que conhecem e utilizam, pelo menos, desde o século XIX, quando estes e outros objetos eram obtidos por meio de trocas com os quilombolas que circulavam por sua região.



## A tecelagem como ofício e o artesanato para venda

Produzir peças com sementes e miçangas para vender é antes decorrência do que causa de sua motivação principal para tecer. Tece-se pelo prazer de tecer. O apelo para a venda torna-se um motivo a mais para criar e inovar.

E assim surgem criações individuais que se difundem entre as artesãs, como bolsas femininas, tiaras e prendedores de cabelo, porta-celulares, porta-canetas, inventadas a partir de demandas externas. Com a venda de tais produtos, adquirem bens industrializados que fazem parte de seu cotidiano.



## Os grafismos imenu

Em Tiriyó, imenu quer dizer 'desenho' ou 'pintura', mas também je-nipapo (menu), planta que fornece uma das principais matérias-primas utilizadas na produção de tintas e corantes. Imenu diz respeito aos desenhos de formas geométricas que se aplicam sobre os mais variados suportes: da pele ao papel, passando pelos artefatos, como bancos, trançados em geral e peças tecidas com sementes e miçangas usadas como adornos.

A origem e aplicação da arte gráfica dos Tiriyó e Kaxuyana se estende por caminhos diversos, originando-se de diferentes superfícies e sendo transposta para diferentes suportes, como o corpo, o trançado e a tecelagem. Seja aonde for que se apliquem, os mesmos motivos são designados pelos mesmos nomes e o fato de que tenham múltipla aplicação indica que tal ou qual motivo possui um caminho, uma história, desde onde e quando foi 'tirado' originalmente, passando a ser aplicado em outra superfície, e copiado para uma outra, e assim por diante.



## As figuras ikuhtu

Ikuhtu ou 'imagem', 'fotografia', 'figura', diz respeito aos desenhos, porém não-geométricos, mas figurativos, que reproduzem imagens de pessoas, coisas ou seres diversos. Este tipo de desenho não é aplicado na pintura corporal, mas se faz presente sobretudo na tecelagem de adornos com sementes e miçangas.

Entre os padrões de tipo ikuhtu, encontramos um repertório totalmente dinâmico, porque aberto às inovações ditadas pela criatividade feminina, no momento da feitura de cada peça. Os nomes dos padrões de tipo ikuhtu que fazem parte do repertório tiriyó, correspondem exatamente ao nome do ser ou objeto representado no desenho e/ou na tecelagem com sementes e miçangas, tal como nos exemplos ao lado.

